

## EDITORIAL

Nossa revista quer produzir teologia e gostaria que essa teologia servisse para a leitura de nossos padres e seminaristas e que através deles atingisse toda a vida da Igreja onde somos os responsáveis iluminadores. Pensar o que é teologia é para nós uma obrigação contínua. Mais grave ainda se torna essa obrigação se a teologia sente-se questionada pelas filosofias modernas e pelas ciências. E até por suas próprias críticas quando reflete à luz dessas ciências e das filosofias que vai encontrando na sua caminhada por tempos rápidos como os nossos. Frei Carlos Josaphat, o laureado *doyen* da Faculdade Teológica de Strasburgo, na Suíça e também o moralista social que mantinha o BRASIL URGENTE da década de sessenta, vem ajudar-nos com sua sabedoria exercitada e com sua prática refletida. Um artigo original e de muitas lições.

A Bíblia fascina e, em alguns trechos escolhidos, pode ser instrumento de análise dos nossos problemas mais modernos: Deus está sempre abrindo projetos para um humano que tem sempre onde crescer e de onde se libertar. Os gritos de Suzana, abafados e até acusados por uma situação de humanidade desregrada mas apoiada em seu poder e em seus privilégios suscitam os protestos e as habilidades do profeta Daniel (Dan 13, 1-64). Por que esta história foi conservada na Bíblia, qual o seu contexto histórico e qual a análise que se pode fazer dessa perícopie onde a palavra chave de cada parte é sempre o grito? Nosso professor de Antigo Testamento Shigeyuki Nakanose e sua aluna Maria Antônia Marques elaboram uma lição difícil de esquecer depois...

Como imaginar um Jesus romano, grego ou persa? Muita coisa mudaria de nossa imagem do Messias que hoje adotamos. Mas que Jesus foi um judeu, isso não precisamos imaginar. No entanto, temos clareza do que ele foi como judeu? Como o judaísmo o tocou, como ele viveu toda a cultura judaica? Nem sempre sabemos e muitas vezes só imaginamos. O professor Donizete Scardelai nos ajuda a descobrir as várias imagens que os judeus tiveram do Messias e como Jesus viveu seu modelo de messianismo. no ambiente judeu. Não é possível separar Jesus de sua vida cultural, isolando-o de sua nação e de seu tempo. A imaginação pode desviar-nos da realidade que foi Jesus.

O P. Geraldo Antonio Rodrigues é o coordenador da pastoral na Diocese de São Miguel Paulista, uma periferia de São

Paulo. Uma diocese onde vive a classe pobre que o estilo das grandes cidades marginaliza não só no espaço que ocupa mas também de todos as benfeitorias da tecnologia, da economia e da cultura. Como fazer para que possamos descobrir para nós e para essa gente o que pode aproximá-los do mundo no qual nasceram no tempo e do qual estão tão afastados no espaço e na fruição dos benefícios? Uma pesquisa transformada em tese de doutorado permite ver o que está acontecendo com o povo e por que o povo reage de maneira tão desestruturada a essa violência legal. Entre as análises, apresentamos a pesquisa da dificuldade que tem o povo de viver a sua cidadania e de exigir seus direitos dentro dela porque se acha inferior e sem direitos sobre as coisas mais altas, reservadas aos grandes e aos poderosos. Esse arquétipo psico-sócio-cultural deve ser desvendado e combatido. O coordenador de pastoral mostra-nos sua experiência refletida tecnicamente.

O problema do professor Francisco Catão, que leciona no Instituto Pio XI, aqui em São Paulo, é diretamente tirado de sua experiência com os alunos de teologia: tiveram uma vivência da fé muito frágil em suas famílias por falta de uma estrutura familiar mais rica mas chegam às nossas aulas com uma pluralista e experimentada vivência de contados de todas as religiões e seitas. Não seria mais razoável levá-los à teologia através de um aprofundamento sobre o fenômeno religioso no qual tiveram tantas convivências? E só depois aprofundar o estudo teológico iluminado por uma fé já criticamente recomposta? Veja os argumentos e procure a sua solução.

Poderia a santidade ser uma heresia condenada pelo Santo Ofício? Pelo menos o foi na Bahia do século XVI num processo onde a acusação a uma das pessoas enche 265 folhas com 212 denúncias. Mas o que é uma santidade no século XVI do Brasil colônia? Quem está envolvido em tal situação? O que fazia para chamar a si o olhar da Inquisição portuguesa? Que rituais praticava? Porque estavam nela sobretudo os índios? Como interpretar que elas possuíssem ao lado de tantas tradições dos antepassados índios e ao mesmo tempo praticassem muitas coisas vindas da catequese jesuíta? O artigo resume e analisa um livro de historiador não teólogo mas interessado em conhecer o Brasil do conluio que foi o Brasil colônia. Você vai ler o artigo com paixão e pois procurar o livro. Vale a pena a gente descobrir-se mais um pouco mesmo se isso nos dá um friozinho...Vale a pena...

*P. Antonio Silva CSSR*  
*Diretor*